

SILMARA MALTA SILVA ROCHA

**REFLEXÃO SOBRE O LIVRO “A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
ESCOLAR” DE CELSO ANTUNES**

Trabalho apresentado como conteúdo do
componente curricular “Avaliação da Aprendizagem”
Profº Me. José João de Alencar

CARAPICUÍBA

2014

REFLEXÃO SOBRE O LIVRO “A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR” DE CELSO ANTUNES

“A avaliação no plano da educação, é apenas o ator coadjuvante. A avaliação é apenas a decorrência de um processo normal de aprendizagem.” Celso Antunes.

A leitura deste livro nos chama a reflexão sobre o assunto, desde a sua apresentação, quando o autor brinca com nossa imaginação e nos faz entender que *“avaliação da aprendizagem não constitui, assim, matéria pronta, discussão finalizada, teoria aceita, mas que antes necessita ser modelada passo a passo pelo professor.”*

Logo podemos entender a necessidade de refinamento de olhar, sem isso, torna-se impraticável uma avaliação eficaz e produtiva.

Antunes nos apresenta três “versões” de avaliação, que teoricamente segundo ele estão corretas e que atingem os objetivos buscados para o processo avaliativo. Nas três vertentes os autores concordam que toda avaliação do rendimento escolar envolve procedimentos de coleta, organização e interpretação de dados de desempenho, que desempenha uma forma de julgamento, e que o aluno representa o objeto central da avaliação.

Antunes ressalta que o professor jamais pode perder de vista que avaliar o aluno implica em última análise uma reflexão sobre *“a grandeza do desenvolvimento humano”*.

Capítulo I – Qual avaliação buscamos construir?

“A escola precisa avaliar o aluno na sua integridade, no amplo espectro de suas competências, e não apenas naquele estrito campo dos saberes escolares.” Celso Antunes.

De acordo com Antunes, o ensino somente tem sentido quando explora a aprendizagem.

A ideia de que o professor é o detentor do poder e do conhecimento, é retrógrada e precisa ser enterrada definitivamente em nossas escolas.

Mas sempre nos deparamos com ranços. O autor menciona as intervenções do Estado, e salienta que essas intervenções “minimizam e mascaram o sentido de uma avaliação verdadeira”.

Sendo o tema “avaliação” um ponto no escuro, faz-se necessário ascender algumas “lâmpadas”.

Antunes nos aponta algumas dessas “Lâmpadas”

- Discutir-se sobre qual perspectiva de ensino é utilizada pela escola e pelo professor;

Para isso ele propõe um novo caminhar para a construção de um sistema educacional onde o aluno seja o protagonista da história, tendo assim autonomia para interferir diretamente no processo do seu desenvolvimento.

Citamos brevemente seis perspectivas que norteiam esse novo caminhar apresentadas por Celso Antunes:

- 1- Pensar na avaliação através de uma visão construtivista, onde a aprendizagem humana somente aconteça à medida que o educando for capaz de construir significados e atribuir sentido ao conteúdo da aprendizagem, ou seja, o aluno for capaz de utilizar o aprendizado em seu cotidiano, ele se tornar o agente central na forma de construção dos conhecimentos;
- 2- Acredita-se que todo aluno opera múltiplas inteligências e que todo educador necessita acreditar-se estímulo das mesmas;
- 3- O ensino somente tem sentido quando explora a aprendizagem significativa e quando percebe na aprendizagem mecânica apenas um sistema de adestramento eventualmente válido para animais e picadeiros, nunca para alunos e salas de aula;
- 4- Descartar o professor apenas como transmissor de informações e os programas curriculares como alternativas antiquadas da internet, multimídia e dos computadores. (Currículo é coisa séria, mas somente é válido se for elaborado com o objetivo de se ensinar a verdade).
- 5- - Acredita-se que a escola, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, representa um espaço de vivência para o trabalho, um ambiente de estímulos

epistemológicos e, sobretudo, um centro de sociabilidade. Apenas dentro desta visão, pensar em avaliação faz sentido.

- 6- - Acredita-se que a avaliação do rendimento escolar só pode ser considerada eficiente, se for fruto de uma observação contínua do aluno durante todo o percurso escolar. Descarta-se assim a avaliação concentrada nos momentos de provas e exames, ela deve estar associada com trabalhos individuais, em grupos, deve estar associada à capacidade do aluno de encontrar e selecionar informações, e sua propriedade em associá-las aos saberes que pertencem a sua estrutura cognitiva.

Uma avaliação pautada em uma observação ampla, honesta a respeito do aluno e de seu verdadeiro ganho de conhecimento, com a propriedade para vivenciá-los, dará ao professor condições de uma avaliação justa.

”Nossas escolas precisam caminhar por avaliações mais abrangentes”

Capítulo 2 – A Dimensão do desafio

“Quando entramos nas escolas, não poucas vezes nos deparamos com o fato de atribuir-se a avaliação aquele especial papel, aquele grande cuidado, não poucas vezes, induzindo o aluno a crer que ele está na escola não para aprender, mas para ser avaliado. Daí a colossal importância que se dá as provas, as notas e tudo mais”
Celso Antunes.

Aqui, o autor cutuca a ferida! É preciso quebrar paradigmas! Mas onde? Como? Quem?

Professor!

Está em cada professor este desafio, começa exatamente aí!

Antunes mostra que o professor precisa reconhecer a dimensão de seu papel formador frente ao aluno, e que este vai muito além do ensino de conteúdos.

As expectativas que o professor projeta sobre cada aluno é o primeiro passo para conduzi-lo ao sucesso ou ao fracasso escolar. Formar, alunos confiantes, seguros, conscientes de seus potenciais e limites é um dos principais objetivos da educação, e trata-se de um processo que tem a participação direta deste profissional. Antunes defende, por exemplo, que a escola pode e deve sim formar alunos, e é fundamental que o aluno acredite em suas potencialidades e que o professor acredite em sua capacidade de ensinar.

Nesse contexto, a quebra de paradigmas é fundamental, o professor precisa se desconstruir e reconstruir-se todos os dias. Precisa buscar inovação para sua formação pedagógica, que poder propiciar aos seus alunos uma construção de

conhecimentos significativos, que sejam úteis no seu cotidiano e que favoreçam a sua integração e a sua participação na vida em sociedade.

Capítulo 3 - A Delimitação do Campo, dos referenciais psicopedagógicos e normativos na avaliação da aprendizagem.

Neste capítulo Celso Antunes fala sobre a expectativa da avaliação por resultados. O que nos parece uma coisa óbvia. Se há avaliação, espera-se resultado.

O que Antunes nos faz refletir é exatamente sobre o que se espera!

Ele diz:

“Assim, pois, o primeiro passo, para se pensar em mudança no critério utilizado para a avaliação da aprendizagem é esclarecer que a passagem de um docente por uma atividade escolar pressupõe expectativas quanto à melhoria em suas capacidades, em suas inteligências e em suas competências”.

Uma evolução quanto às inteligências.

É fundamental que a passagem desse educando pela escola, seja contemplada por progressos, o autor nos trás quatro aspectos a serem considerados:

- - atividade motora
- - atividade cognitiva
- - equilíbrio emocional
- - esquemas de relações interpessoais e inserção social

Do professor, espera-se que sua postura o leve a conhecer e respeitar os processos de desenvolvimento e de aprendizagem de cada educando, para que assim, possa fazer intervenções sempre que necessário, objetivando avanços no processo de construção do conhecimento do aluno.

O autor ressalva:

“Para que esse elemento de uma avaliação possa ser observado é essencial que se compreenda os atributos de cada uma das oito, nove ou dez inteligências e qual a distância percorrida pelo docente avaliado nessa direção.”

O professor precisa saber desenhar o caminho a ser percorrido para que o alvo seja alcançado. Dessa forma ele saberá quais são suas aspirações de alcance para cada inteligência, e a partir daí avaliar como os progressos foram atingidos, se serão mantidos e ainda, qual a sua ZDP.

Uma evolução quanto às competências.

Para começar a falar de competência Antunes trás a definição de competência a que ele se refere, e que vale a pena ressaltarmos:

Segundo Philippe Perrenoud

“...faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos como inteligências, saberes, habilidades e informações – para solucionar com pertinência e eficácia um conjunto de situações”.

Essa definição não deixa dúvidas. O educando não pode ser avaliado somente pelos saberes escolares, ou seja, ao decorrer do tempo, participando de diferentes atividades dentro da escola, espera-se que o aluno sinalize alguns progressos, o autor nos aponta alguns:

- - dominar plenamente a leitura e a escrita. (dentro da faixa etária);
- - dominar a propriedade de fazer contas;
- - perceber e compreender seu entorno social, sendo capaz de atuar sobre ele;
- - usar com propriedade, eficácia, e pertinência habilidades operatórias, como analisar, comparar, classificar, deduzir, criticar, sintetizar, interpretar dados, fatos e situações,
- - compreender de maneira crítica os meios de comunicação, não se deixando manipular como consumidor e como cidadão;
- - planejar, trabalhar, selecionar metas e resolver problemas em grupo, definindo estratégias e métodos;
- - localizar, acessar e usar a informação acumulada.

Através dos pontos elencados pelo autor, percebe-se o longo caminho que ainda temos para percorrer no processo de “Avaliação de Aprendizagem”. Quando se olha para o educando, através destes parâmetros, podemos ler nas entrelinhas que “TODO” aluno é capaz de desenvolver suas competências.

Para o autor, a escola forma alunos fracassados quando deixa de reconhecer como válidas outras competências, como os talentos para a música, para as artes, os esportes, e mesmo para o relacionamento interpessoal.

Para desenvolver satisfatoriamente um trabalho sobre valores e emoções no ambiente escolar, são necessários compromisso e estratégias pedagógicas.

Educando estimulado, significa, educando com possibilidades de aprender e sendo assim, capaz de construir seu conhecimento.

Capítulo 4 – Algumas diretrizes para uma avaliação da aprendizagem

Parece-nos que até aqui, uma coisa o autor já conseguiu deixar explícito: “A avaliação precisa deixar de ser o chicote na mão do algoz”.

Neste capítulo Celso Antunes traz aos docentes seis indagações que servem de norteador para se construir um caminho para a “avaliação da aprendizagem”.

- Qual deve ser o sentido dos desafios e das atividades propostas em sala de aula, seja qual for à série, ciclo ou disciplina?
- - Porque sobrepor a avaliação que busca o máximo por uma outra que pretende o ótimo?
- Por que devemos privilegiar um acompanhamento atento das ações do aluno e valorizá-lo bem mais que as provas ou trabalhos que apresenta?
- Porque devemos diversificar ao máximo possível as atividades de avaliação da aprendizagem?
- Porque é mais importante à avaliação do ensino desenvolvido pelo professor que a avaliação da aprendizagem construída pelo aluno?
- Porque é importante transformar o aluno em um agente da construção dos instrumentos e meios usados para sua avaliação?

A proposta do autor é que docentes aceitem o desafio de refletir sobre as questões acima, com o propósito da reconstrução.

Nos mostra a importância da função diagnóstica na avaliação e sua função na ação educativa, mostra como produtiva uma prática de avaliação gradativa, que permite ao educador alimentar dados sobre o nível de desenvolvimento da aprendizagem de cada educando no tempo presente, o que permite ao educador traçar estratégias para assim melhorar os resultados futuros.

Fundamental entender que avaliação, tem como finalidade conduzir o educando no caminho da construção do seu conhecimento.

A avaliação, não tem a função, não pode ser vista, e não pode ser usada como “Guilhotina”.

Capítulo 5 – Pressupostos, funções e procedimentos que devem auxiliar o processo na elaboração de um projeto de progressiva mudança da avaliação escolar praticada.

Segundo o autor, propósitos fundamentais nos quais a avaliação do rendimento escolar precisa estar focada:

- - Nos objetivos educacionais;
- - Na análise do progresso no desempenho do estudante;
- - Na existência de dados sobre as competências diversas,
- - Na confiança da equipe docente sobre a fidedignidade e validade dos dados recolhidos,
- - Em uma sistemática continuada ao longo de todo processo;
- - Na utilização de diferentes processos, diversificados para percorrer o caminho;
- - Em resultados que enfatizem funções diagnósticas importantes para realimentação de resultados futuros.

No processo de construção desse novo caminho para avaliação, a prática escolar precisa sofrer mudanças e adequações que condigam com a realidade existente.

É preciso alinhar a visão, ter consciência de que a aprendizagem envolve erros, e que errar também faz parte do processo de aprender. Erros abrem portas para novas perspectivas de aprender, bem como de ensinar.

Talvez esteja aí o ponto de partida, para que o educador comece a avaliar-se primeiro, dando atenção maior ao seu planejamento de aula, seus objetivos, quais metodologias usar. Talvez seja aí o ponto de partida para que educadores revejam seus atos diante do processo de avaliação da aprendizagem.

Todos os alunos tem o direito de serem avaliados em sua individualidade, tendo suas competências e habilidades respeitadas, cada um é dono de sua singularidade. Por este motivo o educador precisa voltar os olhos para este aluno, enxergá-lo na sua totalidade, o ter como parceiro de trabalho, afinal ambos estão ali para desenvolver um projeto de construção de conhecimento.

Ao educador cabe uma avaliação crítica, reflexiva, ética e construtiva, para transformar, aperfeiçoar, de forma coerente, permanente, e praticável o conhecimento adquirido.

Capítulo 6 – Avaliação do rendimento escolar e retenção

A avaliação do rendimento escolar tem como meta a classificação do aluno, necessitando ser redirecionada, pois a competência ou incompetência do aluno não resulta apenas da escola ou do professor, mas sim de todos aqueles que participam do contexto escolar e social do educando.

Os instrumentos de avaliação são determinados pelas ideias e modelos da realidade em que o profissional atua e serve como um meio de controle.

O Educando precisa aprender com autonomia e respeito, ele não precisa ser submisso e obediente àqueles que são responsáveis por seu processo educativo.

O professor como mediador de conhecimentos, deve criar situações diferentes para propiciar uma condição favorável ao aprendizado do assunto proposto, favorecendo com isto a tomada da consciência do aluno e a percepção de que ele tem o poder de mudanças e transformação.

Toda avaliação do rendimento escolar envolve procedimentos de coleta, organização e interpretação de dados do desempenho, que representa uma forma de julgamento.

O aluno representa o objeto central da avaliação. Percebemos que o rendimento escolar se estabelece através de uma concepção centrada nas provas e exames, seus respectivos resultados, na atenção a promoção no final do período escolar.

O autor nos fala neste capítulo da “pressa” enraizada em nossa cultura, do “8 ou 80”, do “tudo ou nada”. Refere-se à suspensão da reprovação. Não se pode pensar na reprovação como algo apenas punitivo, não é assim que ela deve ser vista. O que precisamos é de uma avaliação justa e eficaz.

Celso Antunes chama essa avaliação de “Avaliação Educativa”. Uma avaliação não somativa, uma avaliação plena. Não pontual, onde o aluno é avaliado em todas as oportunidades como nós o somos.

Capítulo 7 – Uma sugestão sobre como avaliar o desempenho dos grupos quando se usam de jogos operatórios

Inovar!!! Como isso é importante no processo ensino/aprendizagem!

O autor nos leva a rever como a memória é importante para o aprendizado, em tempos onde se valoriza com mais ênfase o raciocínio e se critica a memorização, aponta técnicas de estímulo da memória e da criatividade, e fala sobre as descobertas acerca do funcionamento do cérebro, nessa área.

Antunes mostra que, assim como há diferentes tipos de inteligência, há diferentes tipos de memória, no desenvolvimento desse trabalho o professor poderá estar levando o aluno, a construir de dentro para fora.

Para isso é preciso audácia e coragem para substituir uma tradicional aula expositiva por um envolvente e motivador “Jogo operatório”, onde o

desenvolvimento, o raciocínio lógico, a participação em grupo, a própria individualidade, serão estimulados e respeitados, e conseqüentemente levará os alunos a uma aprendizagem significativa com aprofundamento da exploração de habilidades operatórias mais amplas que as provocadas por simples aulas expositivas.

Inevitavelmente a ligação entre educador e educando, será estreitada, propiciando uma educação significativa e envolvente para ambos.

Capítulo 8 - Um breve comentário sobre o programa de enriquecimento instrumental de Feuerstein

Por fim Celso Antunes faz uma breve apresentação do “programa de enriquecimento instrumental de Feuerstein PEI”. Um programa de intervenção multidimensional que compreende uma fundamentação teórica, um repertório rico de instrumentos práticos e um conjunto de ferramentas analítico-didáticas, focalizando em cada um dos três componentes de uma interação: o aprendiz, o estímulo e o mediador, com o objetivo de aumentar a eficiência do processo de aprendizagem.

“Em síntese, o PEI é um programa para ensinar alunos a aprender a pensar, desenvolvendo não saberes específicos, mas condições e situações que possam maximizar aptidões necessárias a novas aprendizagens, novos métodos de trabalho e novas estratégias de pensamento.”

Fundamenta-se na Teoria da “Modificabilidade Cognitiva Estrutural” e na “Experiência de Aprendizagem Mediadora de Reuven Feuerstein” que oferece uma visão arrojada das capacidades cognitivas do ser humano, esclarecendo como os processos de aprendizagem ocorrem e como é possível, através de uma mediação adequada, expandir o potencial para aprender aumentando a eficiência do funcionamento intelectual dos indivíduos.

O PEI pode ser utilizado em grupo ou individualmente em criança na idade escolar, e em adultos em vários níveis de funcionamento.

É um programa não dispendioso, pois requer apenas de lápis, borracha e papel, e 14 apostilas ou instrumentos, com funções cognitivas específicas para desenvolver no educando sua percepção, capacidade de elaboração e de comunicação e socialização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Mudar é preciso, ainda que permanecer seja sempre mais fácil; avaliar plenamente é imprescindível, ainda que medir seja extremamente confortável.” Celso Antunes

Celso Antunes busca novos caminhos e soluções para se avaliar a aprendizagem do aluno, levando em consideração o que ele próprio já pôs em prática no seu cotidiano escolar.

Educador comprometido com o “aprender” cômico de que sozinho não conseguirá por em prática suas teses, mesmo que testadas e comprovadas em sua eficiência, conclama os docentes do país a uma reflexão profunda sobre o assunto, e não apenas isso, desafia esses mesmos docentes a praticarem uma “Avaliação Educativa”.

Para Antunes, parece incoerente, por exemplo, antes de cortar o cabelo, verificar se o cabeleireiro compreende perfeitamente as fases do desenvolvimento expostas por Piaget, ou ainda, antes de comprar um pão, certificar-se de o padeiro compreende bem questões de física quântica.

“O professor precisa dispor de múltiplos recursos para perceber o aluno no seu todo, muitas vezes a maneira como ele pergunta é um indício muito mais claro do saber do aluno, do que a resposta que ele pode colocar no papel. Qual é o seu envolvimento com as aulas? Qual o seu envolvimento com o conteúdo? Como ele aplica na sua vida cotidiana aquele conteúdo que assumiu? Tudo isso deve ser observado” Celso Antunes.

A avaliação precisa deixar de ser o bicho papão! Precisa ser entendida como parte integrante do processo de aprendizagem que impulsiona o educando para a conquista de novos saberes!

Utopia??? Eu creio que seja possível!!

Fontes de referência:

ANTUNES, Celso. A avaliação da aprendizagem escolar. Fasc. 11, Petrópolis: Editora Vozes, 2012.